

**CORRESPONDÊNCIA
DE ESCRITORES**
**CARTA DE CARLOS MA-
LHEIRO DIAS A JOÃO
RIBEIRO**

Rio, 20 de setembro de 1931.
Meu querido bom amigo.
Brinquei as horas de 10 em se-
mear e peneiro artigo. Nesta
idade de uma vida tão impregnada
de sedentários, insinuadamente
a sensibilidade se reflete e oculta
na águia conclusão do setimônio.

As suas palavras, porém, toca-
ram-me profundamente. Muito,
muito obrigado. Entre as minhas
admirações, muito arraigadas e
concentradas, o seu grande nome pre-
domina desde a juventude.

O perigo que sinto não sem-
pre exercer o seu alto espírito ex-
plicar a essência com que lhe estou
escrevendo.

Nota: João Ribeiro que a pre-
sunião se divide fundada sobre
as viagens iniciais de Hajeda, Pin-
son e Lepe no Brasil setentrional
não apreende provada, ou sequer
apoiada por quaisquer argumentos.
É verdade, mas a introdução é,
apenas, um quadro geral das te-
ses que no depoimento de ser de-
senvolvem nos capítulos. As expe-
dições dos precursores de Cabral
não matem no IV Capítulo —
aliás extensíssimo e no qual serão
aplicados os recursos da ciência
matemática e astronômica ao es-
tudo do enigmático problema. Pesso
adiantar-lhe que pela sua trans-
cendente importância, esse 4.º ca-
pítulo constitui um dos mais no-
táveis da obra, em que se incorpo-
ra também todos os extensos capí-
tulos de zoológico dedicada as duas
expedições de Vespucci.

No 2.º fascículo continuam-se
as inquietações transversais e seu
profundo e à tensão comunicada da
carta de Cumimba, publicada no
Folha.

Quero agradecer-lhe a conhecer o
João Ribeiro as minhas considera-
ções opostas. Nossa troca com a
grafia obteve português, mas tive
de substituir-me nela pelo es-
panhol. A obra é impensa em
Português, e largamente elaborada por
escritores portugueses que
nunca estiveram em Portugal, D. João, D. Antônio, o
João Crisóstomo, o Lopo de Mendonça e o professor Luís Pereira
da Silva, a minha republicação.

Entre o seu a obra um mosaico
de opiniões e submissões, é ob-
jetivada preferi a unidade.

Observei ainda que os colabore-
dores indicados são de 1.º vol-
ume. Nos subsequentes aparecerão os
Brasileiros, entre os quais es-
pero poder vir a continuação. Quere-
mos fazer obra de ciência histórica,
não um trabalho de apologia in-
consciente. A tarefa é gigante-
na, então separamos deles para levá-
los a cabo os eruditos das duas pa-
rtes.

Calcule que cada volume terá
cerca de 100 páginas (incluído). Não
devemos ter pressa nem é o prazo
a edição de tanto tempo edifício.
O 1.º volume edita-se, para com-
cluir até setembro de 1932.

O 2.º terá aberto com o reinado
de D. João III e com que se in-
iciará a narrativa dos "adaltos
estimuladores", há de ser mais mo-
rno.

Para o 3.º volume o Oliveira
Lima está escrevendo o capítulo
referente à donatária de Pernam-
buco e a Campanha do Rio de
Janeiro, e para o 4.º o da expedição
de Vitorino, o capitão de mar-
e guerra, e o da campanha do
Pará. O 5.º volume edita-se, para com-
cluir até outubro de 1932.

O 6.º terá aberto com o reinado
de D. João III e com que se in-
iciará a narrativa dos "adaltos
estimuladores", há de ser mais mo-
rno.

Para o 7.º volume o Oliveira
Lima está escrevendo o capítulo
referente à donatária de Pernam-
buco e a Campanha do Rio de
Janeiro, e para o 8.º o da expedição
de Vitorino, o capitão de mar-
e guerra, e o da campanha do
Pará. O 9.º volume edita-se, para com-
cluir até outubro de 1932.

O 10.º terá aberto com o reinado
de D. João III e com que se in-
iciará a narrativa dos "adaltos
estimuladores", há de ser mais mo-
rno.

Além uma vez, consideravelmente
de meus pernambucanos.

Seu Amor. Coliga a Amigo muito
dedicado.

C. Malheiros Dias.

1.º DE JANEIRO

(Continuação da pag. 199)

Enchende, proibiu o Império úsos prescritos que encorriavam
os povos, e só podiam apriar à uridez dos ricos.

Mas com inova o tributo, como continuaram os festas inci-
vias e impuras que engalanaram a tristeza plebeia em dias de
loucura e de escândalo.

Assim, começamos todos a contar enumerar o tempo des-
de primeiro de janeiro, há mais de dois mil anos, com igual ofi-
cioso, alimentados pela esperança de melhores tempos.

Sim! Não sou da número dos luctadores tempos acti-
vos, piamente, que a idade de ouro não passou, nem che-
gou ainda, mas altorece na manhã auspiciosa de hoje.

1.º de janeiro de 1921.

("Jornal do Brasil" 2-1-1921)

Cartas da época do descobrimento -- João Ribeiro

Um dos aspectos mais curiosos da cultura da renascença no ditas dissertações todo o conteúdo do trivium e quadrivium des-
que interessava especialmente a história dos descobrimentos e as
a verificação do estudo em que se achavam a cartografia e as
cartas de mortuar daquela época.

Era em Portugal que se recolhiam com avidas todos os in-
formes da navegação e onde a arte de copiar cartas e mapas
constituía uma profissão prospera exercida pelos cosmógrafos
e desenhistas mais famosos do tempo. Se muitas vezes o ar-
tista era estrangeiro, a sua oficina era portuguesa e os nave-
gadores lusitanos é que haviam naturalmente as informações
de maior valor.

Ainda que não seja intenso nosso passar em revisão, como
nos deparam as obras técnicas do assunto, as múltiplas pro-
duções da cartografia da renascença, contudo no que respeita
ao nosso interesse nacional, e exclusivamente ibérico, con-
vém lembrar e ilustrar alguns fatos característicos do mo-
mento, em que foram recebidas as terras do Brasil.

Sabemos, por exemplo, da existência de um "mappa-mundi" antigo, o de Pomponio Meli, de que Pedro Álvares Cabral pos-
suiu um exemplar.

O mapa-mundi de Pomponio Meli, geógrafo latino do pri-
meiro século d.C. era cristão, esboçava com relativa pericura o
conífero do mundo antigo como era conhecido na expansão do
império romano, desde o Eufrates até o Oceano Atlântico, com
as notícias das regiões asiáticas além daquelas fronteiras.

O exemplar de Pedro Álvares Cabral é ainda precioso por
não se conter o autógrafo do grande admirante.

A obra de Pomponio Meli intitula-se — "Cosmographia cum
figura sive de situ orbis".

A edição era de Salamanca de Nuñez de la Yerba e nele
encontramos o plantígrado que adamo reproduziu.

São raros os exemplares em todo o mundo desta edição
que foi a primeira dada à luz na Espanha — e o exemplar cabral-
ino pertence à casa Mapp Bros. de Londres, se, acaso, não foi
adquirido pelo preço que aqueles livrarias exigem de 375 libras
esterlinas, que, neste momento em que escrevemos, atinge a
rústica quantia de 18 contos de réis, mais ou menos.

O planígrado mostra-nos as antigas partes do globo, então
conhecidas, e é curioso verificar que as diferenças não são muito
grandes, comparadas ao desenho das cartas do nosso tempo.

Fazia parte, pois, da biblioteca de Pedro Álvares Cabral não
só o que havia da ciência do seu tempo, mas o subsídio da cul-
tura clássica grego-latina.

O descobrimento, porém, da Nova Mundo figura pela pri-
meira vez no manu famoso de obra de Gregorius Reisch de ti-
tulo Margarita Philosophica em texto latim, editado em Basileia
em 1508 pelos livrarias Michael Füller e Johann Schott.

Este livro, que deu em primeira mão o contorno da América
e do descobrimento de Colombo, é uma obra de caráter mo-
ral, filosófico e encyclopédico, abrangendo sob a forma de eru-

Em 1508 quando apareceu o livro de Reisch havia dadas
quanto a natureza continental da América e, por isso, é que
no lugar próprio há a seguinte legenda que se lê na parte da
tríplice do Capitólio:

Hic non terra sed mare est: in quo mire magnitudine
sunt. sed Ptolomeo fuerunt incoigne:

Iste é:

"Aqui é mar e não terra, e nela existem ilhas de muita
prandaria, as quais foram descoberdas de Ptolomeu".

Foram depois inúmeras as cartas de rumo que partiu e
seguiram os informes fidelegos dos amestrados pilotos que
revelaram as ilhas ao longo da África e contornaram a parte
meridional do mundo antigo ao mesmo tempo que se iam avan-
cando as fronteiras do continente ocidental.

Nem todos os documentos na espécie revelam apêndice
especial dos descobrimentos, mas alguns já de sobra contêm
loucamente atestar a pericia da cartografia do tempo. Entre os
últimos cumpre-nos registrar um dêla de interesse para os
outros. É o Ptolomeu de luxo, de Veneza.

Este mapa, que é de 1511, replica Terra de Sancta Cruz
(terra de Santa Cruz) nome primitivo do Brasil e o que ali
se encontra resulta dos primeiros informes de Vespucci.

Traita-se de uma edição do Ptolomeu antigo com os acré-
scimos e alterações dos descobrimentos e lugares novos:

— "Ptolomeus, Claudius Liber geographiae cum tabulis et
universalis figura et cum additio lacorum que a recentibus
repetita sunt."

Os historiadores da cartografia chamam atenção para o
conífero cordiforme do planígrado, o que já indica uma arte
de proteção pela primeira vez ensaiada e depois freqüente-
mente repetida.

Já o desenhista estava de posse dos resultados da 3.ª viagem
de Colombo e da 2.ª e 3.ª viagens de Américo Vespucci, das
de outras notícias que tornam famosa essa edição de Ptolomeu,
intitulada por Jacobus Angelus com as correções de B. Sil-
vius de Edoli.

Compreende-se facilmente a importância desses documentos
que nos dão fôda a ilustração geográfica familiar aos descobri-
dores nos primeiros anos da terra da Vera Cruz ou da Santa
Cruz, logo cedo cristandina definitivamente em Brasil.

As cartas dão intuitivamente a previsão progressiva do con-
torno do nosso continente eis só no eixo de dois ródulos, re-
centemente afiados, pelo menos na parte literária, a sua re-
alidade e exata expressão.

"Revista da Semana"

1 - 12 - 923

AS IDÉIAS NA HISTÓRIA NACIONAL

JOÃO RIBEIRO

Um dia, já não sei quando, fiz uma correção, para
não sempre cheio de trabalhos, de historiador de que se poderia
reterer um famoso livro, seu título de — "História das
idéias na formação do Brasil".

O título é realmente longo, como seria longo o trabalho e a
empresa. A formosura é a propriedade geral das coisas
imaginárias.

A verdade é que pudemos
surpreender em toda nossa his-
tória o influxo e as correntes
do pensamento humano.

Contentamo-nos nas histórias
enunciadas com o estudo dos fa-
tos e dos acontecimentos. Perce-
re-nos que além desse tema
puramente narrativo, nada re-
sulta a averiguar.

Trabalhamos para os erudi-
tos e não para a vida.

Entretanto, os fatos em si
mesmos não passam de reali-
dades.

Contentamo-nos nas histórias
enunciadas com o estudo dos fa-
tos e dos acontecimentos. Perce-
re-nos que além desse tema
puramente narrativo, nada re-
sulta a averiguar.

Contudo, a nossa República
veio um século depois da grande
crise da "alma mater" da
latidão, e casualmente foi
envolvida pela peia imaginária de
algunhas ideias da filosofia política
de Rousseau, da irreverência das
encyclopedistas com leves
tinturas esparsas de românticas
e com outros matizes apagados
das antigas tradições inglesas
da "Magna Charta".

Contudo, a nossa República
veio um século depois da grande
crise da "alma mater" da
latidão, e casualmente foi
envolvida pela peia imaginária de
algunhas ideias da filosofia política
de Rousseau, da irreverência das
encyclopedistas com leves
tinturas esparsas de românticas
e com outros matizes apagados
das antigas tradições inglesas
da "Magna Charta".

O — "positivismo" — de de-
quer qualquer modo fez a sua pri-
meira crise política no mundo
e deixou pelo menos uma
legenda na bandeira nacional.

Mas, na realidade, produziu
muito mais que um simples le-
ma doutrinal. Chamou-nos a
atenção para um dos sistemas
filosóficos mais adiantados e
profundos do espírito humano.

Creio que de todos os lugares
do orbe, sem exceção a pro-
pria França, o Brasil é o único
em que Augusto Comte é
um nome popular, assíduo em
todas as gizetas.

Poderemos compará-lo no de
Cândido ainda que um e outra
não sejam lidos.

Pouco importa. Falmos da
lei das três Estados com a
mesma aliada às paixões po-
pulares e ao trânsito das marcas
de vanguarda a vanguarda, que
é sempre a de Augusto Comte.

Enquanto acharmos que a
tradição da renascença, des-
conheceremos o nosso estilo mu-
nicipal, que é do berço, e é
o que nos dá a primeira filo-
sophia infantil.

Pode afirmar-se sem receio
que o pai da nossa jurisdi-
ção, apesar de suas opiniões e for-
mam constante do radicalismo
indignado, suas tradições se-
niores e veneráveis que a
República alimenta e desenvolve
como verdadeiras colunas do
regime democrático e da
sociedade nacional. E, todavia, não
há melhor acerto que o do "br-
ear dentro da propria história

As oligarquias que hoje dom-
inam ainda a maior parte do tecido
político do Império na-
turalmente se transformaram em
companhias nas "charitas",
de exploração e conquista.

Os que haviam prestado
vigi na Índia, pediam um re-
lado no Brasil, como o D. Duarte
Duarte Coelho e Francisco Co-
elho. Outros receberam o
ladrão por munificência e
colha do rei. Em qualquer caso
havia muito para dar e pa-
nharia que receber nos
edifícios lusitanos e rafaelianos
de Américia.

A história das capitâncias
sempre comparada ao resto
dos "star roads" da Polônia e da
Rússia; espécie de Ita-
cunhados a velhos genti-
mens, com aleada civil e cí-
cias quase ilimitada. Basta no-
tar o 27 do segundo livro
de Ordenações munizianas, veri-
car o abuso de jurisdição e
capitâncias dos lugares de Alme-
da que passou ao Brasil.

Com esta semente de abri-
lhos que podíamos espalhar
do futuro?

As oligarquias que hoje dom-
inam ainda a maior parte do tecido
político do Império na-
turalmente se transformaram em
companhias nas "charitas",
de exploração e conquista.

E a nossa constituição pri-
meira que vai transparecendo
nos ritmos do nosso crescimen-
to.

1-9-1923

NOTAS MARGINAIS -- JOAO RIBEIRO

Caídei muitas vezes na possibilidade de organizar um lirrinho de Notas marginais a história do Brasil.

E com esse pensamento tenho composto um pouco a maneira jornalística, querer dizer, apressada e descuidosamente, algumas reflexões que apareceram já em diversos lirrinhos da minha lava.

Assim o fiz a respeito de Villegaignon, da significação do nome Vera Cruz e quejandas outras questionezinhos e discussões históricas ou quase históricas.

A necessidade de tais migalhas, pouco substanciais, constitui o que se chama um "alimento de poupança" para enganar o estômago nas horas de menor voracidade.

Em geral, quando lemos um romance ou um fato diverso, queremos saber o fim da história, o destino dos personagens.

O espírito não se contenta do fato principal e quer a anedota ilustrativa, a bagatela e os nomadas da vida.

A certas horas, a biblioteca é um método histórico de grande alcance.

Um sujeito diz: o feijão e a farinha de mandioca explicavam a psicologia nacional. Outro replica: as formigas darão cabo do Brasil. Um terceiro: o telegrafo de Panamá faz mais que o imperador, etc., etc.

Deve ser falso exagero dos fatos infinitissimais.

Mas, as pequenas coisas são às vezes, consideráveis.

A história escolar ressente-se dessa falta de elementos numinosos e subsidiários.

A falta principal é que não sauvamos o fim que levaram os nossos primeiros heróis.

No teatro, D. João VI, sonolento, antecipa o desfecho perguntando ao camarásta:

— Quem é que se casam esses patifes?

O rei queria ir-se embora. O casamento é o fim suficiente de todos os romances.

Não na outro Deus ex-machina para abreviar as intrigas unitorias.

Fora desses casos patéticos, há a curiosidade mais modesta de saber o destino indiferente dos homens e das coisas.

Estudando a História de Brás, logo em começo apinhados como num instantâneo fotográfico, a imagem do herói do descobrimento, Pedro Álvares Cabral, que viu a terra e aqui esteve pouco mais de uma semana. E, subito, some-se no horizonte, vai para as Índias, dizem lóculos os compêndios.

Mas, pessoas tão interessante não deve desaparecer como um compará. Foi para a Índia, sim, mas isso não é um quinto-ato. Que fez ele lá pela Índia? Grandes ou pequenas coisas? Como desamparado depois de travadas as boas relações com a vizinha.

Ignoramos. Nada nos dizem do nosso hóspede. O romance do nosso herói não tem princípio nem fim.

A nossa história está cheia dessas lacunas.

Pero Vaz de Caminha, por exemplo, ganhou mais ou menos uma estátua. O escrivão que entre parêntesis tem melhor castigo que alguns dos nossos historiadores, participava a D. Manoel, como se falasse do príncipe de Galles, haver aqui mulheres mais formosas que as da rua Nova de Lisboa.

Dado o desconto de um apetite de marinheiro jejuno, a sua verdade estética só activa consagração, quatro séculos depois no Pan Brasil e no verde-amarelo da escola nova da poesia nacional.

Com Thomé de Souza, fundador da primeira cidade, dase a mesma falta de desfecho.

Ca, não morreu. Que foi feito desse demíurgo? Antes de vir, tinha, dizem os comunitários, bons serviços na Índia e

Este lirro interno aparece à parte do texto principal, que é a crônica literária. A autografia é de João Ribeiro, datada de 1931, e diz: "Aventuras de um poeta, 1931".

As anotações que aparecem ao lado do texto principal, são de 1932, e dizem: "Aventuras de um poeta, 1932".

Uma página curiosa de João Ribeiro, "Fac-símile" da "Advertência", que ele destinava ao livro "Crônicas Literárias". Nela que não chegou a publicar.

até por isso foi aproveitado tópicos forçados que a fama pontilhada de pequeninos curiosos.

Jornal do Brasil - 6-4-1924.

FALTA-NOS DOMINAR O TEMPO

JOAO RIBEIRO

Falta, pola, inventar o dom de antecipar.

Há uma poesia de Ruckert — cujos versos uma pessoa estreita e superior às distinções das plaudic, espécie de Judeus errante, passa por um lugar onde houve fundada cidade, e volta mais tarde, aí se encontra um lago tranquilo, e ainda depois, vê o lago exato, cujo Alvo, passam, ovelhas e, num, se os rebanhos, e mais tarde, ainda o rebanho desaparece e rassussita a cidade rumorosa, capital de um império novo.

E essa estranha personagem, no tempo, assiste impassível a todas as mutações e vicissitudes da terra, das suas catástrofes e das suas desdades.

A verdade é que vencemos a terra, o espaço, mas resta insensível ao nosso domínio o tempo.

Tricô do artigo Espaço e Tempo — Jornal do Brasil, 2-2-1928.

CRONOLOGIA

(Continuação da pag. anterior)

Nação de Ulysses, as suas viagens e aventuras ocupam igualmente outro decílio de 1187 a 1177, antes de Cristo.

Claro está que esses resultados dependem da veracidade do texto homérico, e, torna dizer, a erudição histórica não conta com outros recursos.

A pesquisa de C. Schöch parte preliminarmente do exame de uma diluição de tempo (entre 1240 e 1140) em que com maior verossimilhança se deu a catástrofe e destruição de Troia.

Não foi esta a primeira vez que a cronologia antiga se achou determinada ou comprovada pelas taboas astronómicas. O cerco de Siracusa no segundo período da guerra do

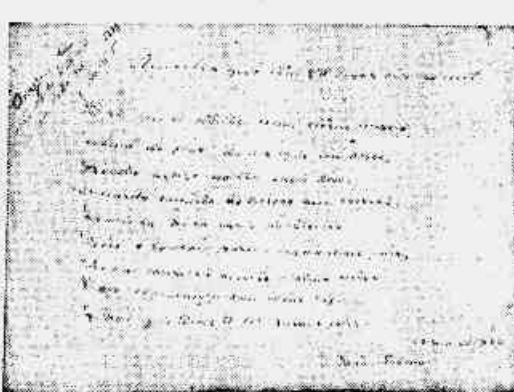
Peloponeso também coincidiu com um eclipse.

Escrevi estas linhas de escavação no proveito, pensando nos estudos da história antiga e nos rares espíritos que deleitaram o anedótico e agradável poema de Homero.

A vida e as aventuras do astucioso Ulysses ainda hoje se recontam nas histórias do "folclor", que todos conhecemos sob aspectos mais ou menos isolados e alongados do texto primitivo.

Andrew Lang, o grande folclorista inglês, escreveu um lirro cujo intuito foi identificar os contos da "Odysselia" com grande número de contos europeus.

"Estado de S. Paulo".



Um acrônimo feito por João Ribeiro — talvez o último trabalho do poeta. A cópia foi feita por Alberto de Oliveira



Casa em que nasceu João Ribeiro, em Laranjeiras, Sergipe

Os companheiros de Pedro Alvares Cabral - João Ribeiro

Se quisessemos romancer a história da pátria e se ainda estivesse na moda a arte de Walter Scott, hoje um pouco rara de uso, o descobrimento do Brasil seria um dos temas mais capazes de alimentar a fantasia dos nossos escritores.

Há nesse episódio inicial da nossa história o mistério próprio das origens, o fulgor do renascimento na sua mais bela época, a poesia do espanto pelo desconhecido, a surpresa do acontecimento que revelou a nova terra incognita para os grandes navegadores que fizeram o perigo da África.

A frota de Cabral compunha-se de dez ou treze navios, e tal era o segredo dessa composição que os próprios marinheiros guardavam quanto ao número. João de Barros dava o número de seis naus para essa embarcação que ia tratar de negócios do Oriente, e que se destinavam a cavaleiros e mercadores. Lusíados e fidalgos.

O que é certo é que essa gente de aventura deixou algumas perdas nos documentos e nos arquivos, e nada mais fácil a fantasia dos marinheiros do que evocar e recriar as figuras que nesse relevo retraram a estatura do admirador que tirou da costa a terra maravilhosa da Terra Santa.

A própria intensidade dessa maravilha nesse decorrer descreveu um pouco a inclinação retrospectiva do que se intende sem tempo para recriar a crônica as inúmeras anedotas do grande acontecimento.

Era um momento de ação histeriácia cadenciada no vazio adquirido e já inconsciente.

Dos nossos historiadores que floresceram na época romântica quase nenhum quis aproveitar o tema heróico do descobrimento. Já havia acabado a tarefa dos primeiros cronistas românticos e dos tardios eruditos que vascularizavam os arquivos com a esperança de novas revelações.

Varnhagen, capaz da história era entretanto incapaz da poesia. Erudito, como o era Herediano, não tinha como é u o dom da imaginação.

Herediano fez a história portuguesa e ao mesmo tempo o "Ereiro, o Monge de Cister" lindas e narrativas medievais inspiradas da sua erudição histórica.

Varnhagen tentou escrever um romance do descobrimento e imaginou a crônica e novela medievo e anônima que aparece no "Panorama" - obviamente destinada de volta literária.

O romance da bonosa India Speca é de um degrado de erudição raiqueta e lapidária diconde historiador, severo, trêm em que a intelectualidade da verdade matava a poesia.

A verdade é que que seria ruim. Diziam que lhe seiam eram a inspiração os fatos que escaparam pelas frinhas resgatadas dos papéis velhos.

Anúlia, tentativa, frustrância e inutil, não merece o nome de romance histórico num tempo em que toda a literatura europeia se abeberava desse tubo fascinador, mas élenco.

Entretanto, os erônicos do descobrimento revelam nos companheiros de Cabral amigas que estão a desfilar a psicologia e a imaginação, os sentimentos místicos e evanilhescos de bons escritores.

Assim foram logo em cestos deixados em desamparo desprendidos: a vés juntamente dos grumetes fúlgidos quando já fôrta velejava para o Oriente.

Que vida libram nessa pensante memória, potente reflexo da impulsação?

Trinta anos depois, o desenho desse quinhão de bocas Pedro de Campos Tourinho, já

não achou vestígios daqueles homens casados ou infelizes que foram os primeiros a entrar em contacto com a tribo dos indígenas de Porto Seguro.

Não só desses desamparados, mas dos marinheiros mesmos que prosseguiram na rota carabina, vários nomes são impressionantes e curiosos.

O guardião Era Henrique que disse a primeira e a segunda missa, previu e anteviu na terra firme profeticamente a seara destinada a espalhar cristão. Assim é que ele torna o tema das apóstolos que seguiram a Jesus previamente segundo o texto de Mateus quando na Galileia. Mas eram muitos os que, a lhe ajudaram os pescadores:

Hui autem statim reliquit egestus et patre secuti sunt cum IV-21.

Quanta poesia ingênua nessa proselitismo que Jesus não pediu nem reclamou!

Outra figura do descobrimento é a do escrivão Ferreira que escreveu as primeiras linhas da nossa história, e com tantas antecipações que o documento já foi acusado de apócrifo.

Parceria coisa impossível dar informações cabais, com tanta pequena experiência, de uma frota que apenas aqui ficava o tempo necessário para recuar e conservar algumas provisões.

Mas eram muitos os que,

segundo a lenda, observavam; e

o exercito certamente cedia

da equipagem e dos oficiais tudo quanto lhe contavam.

Entre esses homens da armada havia um capitão "homem leão", alegre e folgado que se entreteve com as gentes da terra e soube agradar ao gentio: era Diogo Luis, o fundo de Bartholomeu Dias.

Este mesmo Bartholomeu Dias, inquieto e glorioso descobridor do Cabo das Tormentas, depois da Boa Esperança, foi um dos capitães da frota. O seu navio sobreviveu em naufrágio ali nos mares de sua glória, que despertou em Lisboa e interessou no comércio e trato das populações longínquas.

Aqui espero tomar senão me

lengano

De quem me descochri sum a

Ivingança ..

Duas flamas em casa só: a do valente de Adamastor e da revelação do último entre os de antigo continente.

Outra flor daquele porto da heróis, é a do valente mestre João, lhevo com armas muitas de armamentos, que desenhou a estradação do Cruzeiro e talvez foi o primeiro a dar-lhe o nome de corte celeste.

Ainda agora preocupa o erudito a família dos conquistadores Marchiony, de Florença, estabelecidos com grossos estudos em Lisboa e interessados no comércio e trato das populações longínquas.

Pois um deles, Bartolomeu de Bartholomeu Florentina, participa da frota e é sabido que a

Jan. 21. 1903

Hotel do Brasil

Caro

Meu caro amigo,

Quisera poder auxiliar o seu trabalho, mas com que prazer faria! Deus o faça crescer com a saúde, e para quem tem saúde, e é um mestre, desfarrar. e, sobretudo com filhos, e sempre com amor, porque não há terra tão boa, tão desejo, tão generosa como a nossa. O seu lugar é ali a sede, e, acta carne, mas, pelo amor de Deus, aza, variedade, originalidade de sua fisionomia a noite, não os associa a esse tipo literário em que alguma seriedade sarcástico, que para ser voluntário e bem apreciadas, em qualquer meio que ainda mais odioso para o Governo que não lhe seja imprimamente sympathetic, e submeter a ele. Se quer saber de Israel, faça-o sem a responsabilidade dos que o consideram como desequilibrado, e, acreditam as ciudades e orgulho da nossa terra.

Falo pelo seu papel, que não é muito grande. O Graca escreve-me sobre a sua colab. de ali. E os filhos! Come cresce - elle vai no foro da Mantua e sob a reacção das raízes, com expansão exterior, da cultura portuguesa de que levantou relações naturais, com as inúmeras a bandeira. Suas opiniões são estímulos de espírito, e, por isso no futuro fará. Iria para futebol, uma vez produzido e todas elas, o mais sedutor dos diálogos, umas arguidas e respondeando-as outras, todas com a costa ganho do seu talento.

Dou-lhe Am. e fótoq. 18.ºmo
que é o meu
que é o meu

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA

BARBOSA LIMA SOBRINHO



Barbosa Lima Sobrinho, em foto retrato feita pelo artista Francisco Neto.

Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho nasceu em Recife, Pernambuco, em 22 de janeiro de 1897. Filiado de Francisco de Cintra Lima e de d. Joana de Jesus Cintra Barbosa Lima.

Estudou as primeiras letras na Capital Federal, concluindo no Recife o curso primário. No Recife iniciou e terminou o secundário, começando no Colégio Salesiano e passando logo para o Instituto Ginásio Pernambucano, do dr. Cândido Duarte.

Em 1913 matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, onde colou grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais em 1917, tendo sido o aluno laureado da sua turma, com o prêmio de vinheta. Foi adjunto de promotor do Recife, 1917, e advogado no período imediato ao de sua formatura. Colaborou na imprensa pernambucana, no "Diário de Pernambuco", "Jornal Pequeno", e, principalmente, no "Jornal do Recife", onde escreveu a crônica dos domingos, na coluna de Teotonio Freire, de outubro de 1919 a abril de 1921.

Em 1919, dirigiu, com Mário

Leão e Edgard Bezerra, a revista "Recife-Exportivo".

Colaborou ainda na "Revista Americana", "Revista de Direito", "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, no "Correio do Povo", de Porto Alegre, e na "Gazeta de São Paulo", além de outros.

Mudando-se para o Rio de Janeiro, dedicou-se ao jornalismo, trabalhando no "Jornal do Brasil" desde abril de 1921, a princípio como noticiário, mais tarde redator político, e redator-chefe desde 1941. Por duas vezes exerceu a presidência da Associação Brasileira de Imprensa, em 1926 e em 1939. Eleito deputado federal por Pernambuco para o triênio 1935-1937, foi escolhido "leader" de sua bancada, membro da Comissão de Finanças e relator do Orçamento do Interior e Justiça.

Em maio de 1938 foi eleito representante do Banco do Brasil na Comissão Executiva do Instituto do Açúcar e do Álcool, preenchendo a vaga aberta pela re-

núncia de Leonardo Truda, e a 18 do mesmo mês foi escolhido pela referida Comissão, por unanimidade, para exercer a Presidência do Instituto, cargo que vem exercendo em consecutivas renovações de mandato.

Em 5 de janeiro de 1944 foi nomeado pelo presidente da República membro do Conselho Federal do Comércio Exterior.

É sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Instituto dos Advogados do Rio de Janeiro, benemérito na Associação Brasileira de Imprensa; correspondente do Instituto Arqueológico Pernambucano e do Instituto de Advogados de São Paulo; sócio efetivo da Sociedade Brasileira de Criminologia e da Sociedade de Geografia.

Foi eleito membro efetivo da Academia Brasileira de Letras a 29 de abril de 1937, ocupando a cadeira n.º 8, patrocinada por Casimiro de Abreu e à qual pertencem Artur Jacquai e Quirino de Andrade.

Algumas fontes sobre

Barbosa Lima Sobrinho

- "A Manhã" — Nomes do Dia — 26 de Janeiro de 1943; 8 de Janeiro de 1944.
- Academia Brasileira de Letras. Anuários, notadamente o de 1943.
- Andre Carrazzoni — Um anarquista da Revolução — A Hora — 19 de Setembro de 1933.
- Anthologie de quelques conteurs brésiliens établie par l'Académie Brésilienne des Lettres — Sagittaire — Paris. Existe neste livro o conto de Barbosa Lima Sobrinho.
- Aventuras de um bouquet de flores num dia de Revolução. — Esta Antologia foi organizada por Ceilo Vieira e Mário Leão, existindo dela uma edição em italiano.
- Benjamin Lima — Jornalismo, escola de historiadores — O País — 3-7-1934.
- D'Almeida Victor — A Academia Brasileira de Letras.
- Fernão Neves — A Academia Brasileira de Letras. Notas e Documentos para a sua história.

- Este volume contém o discurso do sr. Barbosa Lima Sobrinho, pronunciado na Câmara em sessão de 31 de maio de 1937, o discurso do sr. José de Sá, contestando a dissidência do dr. Severino Mariz, e o manifesto de dissidência do Partido Social Democrático de Pernambuco, assinado pelos sr. Barbosa Lima Sobrinho, Pedro Arcuado Cimatti, Mário Domingues, Leônidas Araripe, Vicente Coimbra, Fernanda Lima, Pe. José Sávio Pálio, Leônidas Góes, Olavo Lima, Avelino dos Santos, Artur Moura, Pedro Alcântara, Mário de Carvalho, Paulo Alves e Perníva Cunha. Recensado por Barbosa Lima Sobrinho na Academia Brasileira de Letras — Separata da Revista da Academia Brasileira de Letras, contendo o discurso de Barbosa Lima Sobrinho e o discurso de saudação de Mário Leão — 73 páginas — Bedeschi — Rio, 1938.
- Estes dois trabalhos se encontram recolhidos no volume-decimo dos *Discursos Acadêmicos*.
- Problemas Econômicos e Sociais da Lavoura Canavieira. Exposição de motivos e texto do Estatuto da Lavoura Canavieira — 182 páginas — Impresso nas oficinas de Mário
- da Meio e Cia. — Rio, 1941.
- Os fundamentos nacionais da Política do Açúcar — 32 páginas — Oficina Gráfica Rio-Arte — Rio, 1943.
- É a exposição lida perante a Comissão Executiva do I.A.A. sobre a situação do açúcar no Brasil.
- Vídeo-Motor — Rio, 1943.
- Os fundamentos nacionais da política do açúcar — Rio, 1943.
- José Bonifácio — Evaristo da Veiga — Conferências no Instituto Histórico.
- Divisão Territorial do Brasil — Conferência no Instituto dos Advogados de São Paulo.
- Em revistas e na imprensa diária publicou numerosos ensaios e conferências, os quais podem ser destacados: "A timidez de Machado de Assis", "Crus e Sóis", "Entre um romance e a história", "Pedro II e a imortal", "Márcia e a ucidade argentina", "A função histórica do Rio S. Francisco", "A República de Piratininga", "A experiência parlamentarista no Brasil", "Uma campanha ortográfica", "O Sionismo", "Parceria sobre a criação do Instituto de Pesquisas, estabelecendo a nacionalização dos setores", "Discurso do Poder Legislativo", 3-9-37, fls. 409-22 a
- Terra de Sol — vol. 1, página 336. Transcreve julgamentos sobre B. L. S. assinados por Osório Duque Estrada, Augusto de Lima e Amadeu Amaral, e outros anônimos, extraídos a notícias de A Pátria, Imparcial e Jornal do Brasil, e todas referentes ao Problema da Imprensa.
- Ulisses Brant — Pernambuco e o S. Francisco — Jornal do Brasil — 21-4-1929.
- Vello Sobrinho — Dicionário bio-bibliográfico brasileiro — 2 v.

Bibliografia de Barbosa Lima Sobrinho

- O Regime dos Bens dos Súditos Excepcionais — Separata da Revista da Faculdade de Direito do Recife — volume XXVII — 1919.
- A União da Direção de Guerra — 248-VIII páginas — Litteraria Editora L. de Ribeiro — Rio, 1922.
- O problema da Imprensa — 255 págs. — Alvaro Pinto Editor — *Antologia do Brasil* — Rio, 1923.
- Rito de Adão e Eva — Tradução de Mark Twain — 196 páginas — Editora Brasileira L. de Ribeiro, 1924. Este trabalho foi publicado com o pseudônimo de Calmo.
- Arreia da Pern e da Meio — 279 — 1934. — Oficinas Gráficas do "Jornal do Brasil" — Rio, 1936.
- Centenário do Tratado de Paz Argentino-Brasileiro — Conferência feita na sede da Associação Brasileira de Imprensa, em agosto de 1928, e mandada publicar em folheto por
- aquela sociedade. — 18 páginas — Oficinas Gráficas do "Jornal do Brasil" — Rio, 1937. Pernambuco e o S. Francisco 214 págs. de texto e LXXXVI de apêndices — Imprensa Oficial — Recife, 1929.
- Crônicas sobre o devassamento do Piauí — Rio, 1929.
- A Bahia e o S. Francisco — (Repetida ao sr. Pedro Calmon) Separata da Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano — 53 páginas — Imprensa Oficial — Recife, 1931.
- Este voluminoso constitui a reunião de uma série de artigos publicados no "Jornal do Brasil" desta capital em fevereiro e março de 1930.
- A Verdade sobre a Revolução de Outubro — IX-236 páginas — Gráfico-Editora Unidas Liliápolis — S. Paulo, 1933.
- A Ação da Imprensa em torno da Constituinte — Monografia escrita especialmente para o 2º Congresso de História Nacional — Rio, 1937.

Música de Barbeiro — JOÃO RIBEIRO

- Nas estâncias do norte, da minha terra, há o que lá chama-se "música de barbeiro".
- A música de barbeiro da Bahia e Pernambuco, é uma banda, estrepitosa, de pretos amadores distantes, um pouco civilizados pelo contato da crônica. Substância a marimba e o berimbau pelos pátinos e os 144 tambores nos ferros velhos, tubos e bolinhas.
- publicado no Jornal do Brasil de sua nação foi a primeira a chegar a Lisboa.
- Enfim, nada falta na história do descobrimento para dar largas à fantasia, na medida que ainda envolve o grande acontecimento.

- Não é só a história que tem direito à exploração desses temas. A poesia e o romance, a imaginação, enfim, pode suprir a pouquidade dos arquivos.
- Eis ai apontados, fragmentariamente, muito de longe e pela rama, os motivos essenciais da inspiração e da poesia.
- João RIBEIRO — "Revista da Semana" — 13-10-1923.

EMENDA AO NÚMERO ANTERIOR

- No último número de *Autores e Livros* saiu, por engano de paginação, o retrato de D. Elisa Calógeras, esposa de D. Elisa Calógeras, acompanhado de uma legenda que se prendia à fotografia de D. Julia Rauli Calógeras, mãe daquele escritor.

SERTANEJOS

Conto de
Barbosa Lima Sobrinho

— Bom dia, tio João.
— Bom dia, seu doutor, Deus guarde a Vossa Majestade.
— Onde vai a vida? Pôrta-se morto? As chaves
deixaram de serem prejuízo a sua lavagem?
— A chave, agora não adianta para o alhoço,
não, nem para a mandioca. Mas a chave sem-
bora?

— É vergonha?
— As gâminas vão ajudando um pouco. São tra-
paçadas, mas as minhadas estão saíndo bem,
as garotas. Compadre Felisberto e que amar-
ra. Deu uma praga nos algodoeiros dele, que
é uma destruição.

— Ja me disseram a mesma coisa, tio João. O
Sítio Grande parte, também, que anda sper-
ando as plantações.

— E isso mesmo, seu doutor. Mas o Quincas do
Sítio, está ganhando muito dinheiro e a família
que é uma bonitexa. A Marquinhos, tia
dona, vai casar com o dr. Emílio, de Serra

— Bom motivo?
— O trabalhador, seu doutor. Na última saída, ele
é muito algodão, naquelas tiras de terra, e
é gente.

— Um bem, outros mal... Peçamos a Deus para
que fique entre os que vão bem.

— Assim mesmo, seu doutor. Com licença de vozes
que a maior, que a feira já deve estar agora

— Foi só, tio João, e seja feliz.

— Voume agradecer, e tocou para diante o ca-
que levava, para a feira, os produtos de sua
lavoura. O dr. Aldrício de Oliveira nunca seguiu com
a matilha vagabunda da montanha e o passo
estrangeiro. Era humilde, sequele, direito, trabal-
hador. Mas, que pobrada vida! Aldrício humilde,
não foge, para todos os sabados correr um
caçador, e ir visitá-las na feira, quando não
vai com a maior parte dos prefeitos, a
um salão melhor.

Aldrício sempre admirava aquelas vidas humi-
lde, se contentava com um pouco de pão e
água de sol, e por essas migalhas que se recu-
mava pouco sem reproso. A ambulância teve ba-
ixa dia, a porta das existências de sacer-
tanejo parecer-lhe que não, mas proclamou-se
a resignação dessas pobres criaturas. Nas-
ta noite em ruínas e num caos em ruínas
confundidas com as cobertas de suje, com o
terra, com os braços duros, em que dormiam,
tristes cedentes nas moradias? O comum era
de malhar, obra tusa de bretoneiros impro-
vise terminadas. Sinal de riqueza, pelo me-
lhor, era a exuberância unica, que o
caia ocupava, desde o momento em que
foi seu domínio da patriarca. A maior e os
menores pelas bacias no chão de terra,
que humilde e respeitada desses pobres tem-
plos fez o misterioso.

— Realmente, viviam todos contentes, no desen-
volvimento. Flacidos, riscados, cortezes, não tinham
contra a vida. Era essa resignação que surpre-
ende Aldrício, desde que chegava àquela pomeria
e a resignação dessas pobres criaturas. Nas-
ta noite em ruínas e num caos em ruínas
confundidas com as cobertas de suje, com o
terra, com os braços duros, em que dormiam,
tristes cedentes nas moradias? O comum era
de malhar, obra tusa de bretoneiros impro-
vise terminadas. Sinal de riqueza, pelo me-
lhor, era a exuberância unica, que o
caia ocupava, desde o momento em que
foi seu domínio da patriarca. A maior e os
menores pelas bacias no chão de terra,
que humilde e respeitada desses pobres tem-
plos fez o misterioso.

— Realmente, viviam todos contentes, no desen-
volvimento. Flacidos, riscados, cortezes, não tinham
contra a vida. Era essa resignação que surpre-
ende Aldrício, desde que chegava àquela pomeria
e a resignação dessas pobres criaturas. Nas-
ta noite em ruínas e num caos em ruínas
confundidas com as cobertas de suje, com o
terra, com os braços duros, em que dormiam,
tristes cedentes nas moradias? O comum era
de malhar, obra tusa de bretoneiros impro-
vise terminadas. Sinal de riqueza, pelo me-
lhor, era a exuberância unica, que o
caia ocupava, desde o momento em que
foi seu domínio da patriarca. A maior e os
menores pelas bacias no chão de terra,
que humilde e respeitada desses pobres tem-
plos fez o misterioso.

— Que tem você, que não responde às pessoas
que o cumprimentam? perguntou-lhe a mulher, pu-
xando o braço.

— Dr. Aldrício estremeceu, como quem acorda. E
então, perde de cor, o Casusa do Sítio Comprido.

— Vai muito distraído seu doutor!

— É verdade. Como vai você? Sua família passa

— Numa vez cantada, dolente, uniforme. Casusa des-
tinha uma série enorme de notícias más, doentes difi-
céis, misteriosas. E falava tranquilo, como se esti-
vesse de prestações estranhas. Pior do que tudo,
era que a tia mais velha, Macinha, embur-
rada com um sujeito à ton, o Manoel Ma-
cambira em decadência, já várias vezes preso
na cadeia.

— Essa megarada é temerosa, seu doutor... Não
se ouvir conselhos. Mas eu já disse que não deixo
de querer falar. Tua, não contou mais comigo,
tão patético; nem que fique pelas ruas, como
tartaruga, uma mulher da vida.

— Não seja tão tiverosa, Casusa.

— E é costume da gente. A vida de compadre
não está se casar com o namorado. Meu compadre
não queria e casou-se. Quando o sítio teve
uma feira, ele foi chegar à porta da casa da família.
Meu Dondom se encantou, para receber a tia.
Compadre Totônho não deixou. Era uma des-
confiança. Deixara de ser filha, que se fosse para

— E é verdade, Casusa?

— A rapariga partiu. Voltou para Berlitz. Ninguem
sabe falar dela, depois. No ano passado, andou-se
dizer que ela morreu no hospital, com o mal do peito.

— Pois o Totônho não terá remorso de tudo isso?

— Remorso? Ele faz o que devia fazer. Aconselhou

a filha. Desde que ela fuiu, compadre Totônho não
tinha mais esperança. Quem morreu no hospital foi
uma moça qualquer, que se perdeu.

— Bem, Casusa, amanhã vou falar com sua filha.
Talvez possa convencê-la de que não deve continuar o
namoro com o Macambira.

— Muito agradecido, doutor, mas vai ser em vão.
Quando moça emperra, é pior do que jumento. Ja sei
que não há remédio.

— Há de haver remédio, Casusa. A Joana da Pedra
Anil insistiu, mas acabou obedecendo à família, e vive
hoje feliz, com o marido que lhe apurou depois, moço
quieto e trabalhador.

— Deus queira, seu doutor.

Haviam chegado a Igreja e o borborinho os envol-
veu, na desordem das barracas, que se espalhavam
pela praça. Os vendedores mais pobres, que não tinham
barracas, arrumavam pelo chão os produtos de sua
indústria, ou de sua lavoura, as frutas, a farinha, os
utensílios de barro, as urupemas, os castores, raposas,
estrelas acuadas, e ficavam ao pé das mercearias, aco-
rdeadas e tranquilas.

O dr. Aldrício ainda se lembrava das feiras a que
assistiu, na capital. Eram tão diferentes! Não havia ali
diante dele, o esforço dos vendedores, a gritaria
com que aprofundavam as mercadorias, a insistência com
que as ofereciam aos compradores recalcitrantes. Na-
quele feira sertaneja, o comércio se fazia sobre bases de
relativa espontaneidade. Raros vendedores aprofundavam
nas mercadorias; mais rara, ainda, seriam os que
tomavam a iniciativa de insistir. Pou se tudo ficava
ali, à mostra, diante dos interessados, que andavam de
um lado para outro, quem quisesse comprar, era só
pedir preço. O vendedor dizia o preço, sem grande
marcagem para especulação. Não havia debates vivos,
nem se recorria a dialéctica do repateio. Se os compradores
descreviam junto de algum negócio, era para saber
notícias de dono, e de sua família. Nesse ponto,
a feira funcionava como a gaiola minúscula da cidade.

Realmente, era na feira que se tuba a vida
de todos os habitantes do lugar, desde os acores da
lavoura, até as intimidades das casas. Nenhuma novi-
dade se ocultava a bisbilhotes daquela revista das
barracas. O resto de tempo seria para nominar e noti-
ciar tanto, aumentando-o, envenenando-o.

O promotor se encantava bem nesses costumes
da terra. A princípio, ainda quis conservar a dis-
tância de um velho acoitivo. Mas, percebeu que
levaria, assim, o pior partido, pois nasciam ambições
a sua referir a um escrúpulo de pessoa estranha à
localidade. Ao contrário seria visto como um indivíduo
eguinhado, que não queria misturar-se com o povo da
cidade. Para viver bem, era necessário aceitar os
habitos de todos, participando da bisbilhote geral. No
fim de algum tempo desse exercício, vinha o interesse
pela vida sertaneja, o gozo de seguir os pequenos dramas,
as histórias íntimas, adoráveis, ou exageradas pelos
relatores das feiras.

Desde que resolvia empurrar a fesura da mal-
diciência e da alcotinha sentia o dr. Aldrício que havia
conquistado a simpatia do povo, reconhecido a essa
demonstração de identificação com os sentimentos
genuíos. E como tivesse palavra fluente e fantasia ines-
tornável, mesmo um dos mais procurados narradores.
Ficava sempre envolvido numa roda grande de
conhecidos, presos no brilho e à perversidade de suas
descrições coloridas.

Foi assim, no meio de um grupo numeroso, que a
mulher e tira encontrar naquele dia.

— Vamos, Aldrício?

O dr. Aldrício despediu-se dos amigos. E de volta
para casa, a mulher lhe foi relatando o que havia sa-
bido das amigas, não menos informadas que os homens.
Mas o dr. Aldrício quase não prestava atenção
ao que dizia a mulher. Mesmo na feira, os amigos o
haviam achado um tanto preocupado. Agora, junto da
mulher, a atenção lhe fugiu de novo, para insistir na
que caso da filha do Casusa.

Sim, iria fazer o esforço possível. Conversaria com o
Macambira; procuraria dissuadir Macinha daquele
namoro imprudente. Mas de antemão, desanimava,
pensando na intransigência de todos aqueles sertane-
jos, que se travancavam, placidamente em negativas obsti-
nadas. Cada vez que surgia um caso daqueles, o dr.
Aldrício tinha a impressão de quem ia presenciar um
crime cometido, pois as cepas não tinham mais im-
previstos. Secundava-se regularmente, dentro de uma
marcada infalível, no mesmo sucesso de negativas
irredutíveis e de decisões inamovíveis. Aquele sertão
intenso, povoado de sufrimentos, era um contra-re-
gimento, nessa transição de todos os dias. Em tudo
isso havia um paralelismo, que impressionava o dr.
Aldrício. A alma desses sertanejos tinha alguma coisa
das moças: invencíveis ambições, uma no fatalismo
das forças naturais; outra, na placidez daquela obsti-
nacidade humilde, que se dissimulava, para resistir melhor.

II

A tarde, mal acabava o jantar, ouvia o dr. Aldrício
que lhe batiam à porta. Foi abrir.

O Casusa entrou, de sobreenco carregado, e olhar
desinteressado. Sentou-se, enrolando no manto o chapéu de
massa.

— Que é de novo, Casusa? disse o dr. Aldrício,
procurando dar às palavras uma entonação alegre. No
intimo, porém, tinha a impressão de alguma coisa
definitiva, que a atitude do sertanejo lhe revelava.

— Seu doutor, Macinha fugiu.

A voz era, de certo jeito, Não havia nenhuma
contracção na fisionomia daquela boêmia rústica. A
mesma tranquilidade de sempre. Apenas, no fundo dos
olhos, podia-se notar um brilho mais duro de ódio
e de rancor.

— Estavamos todos na feira. Manoel Macambira
passou por lá, a cavalo. Macinha foi na garupa. Pa-
recer que tentava a estrada da serra.

O dr. Aldrício murmurou palavras baixas de con-
solo. Não se deixasse abalar, o manto, o manto, se
não haveria remédio para todo o mal da vida.

Cususu sacudiu a cabeça, quase em desespero.
Macambira despediu-se do dr. Aldrício.

Não teve uma palavra amarga, um gesto de revolta,
uma simples amizade. Mas o dr. Aldrício não se des-
cuidava com esse povo do sertão em que espíritos am-
bestados se anunciam prisa sincera, na sorridente.

Não havia passado muito tempo, de que o sacer-
tanejo, quando chegaram os bisbilhotes que uma
pediu a intervenção do dr. Aldrício. Manoel Macinha levou
Macinha para casa da mãe dele, a escrava de que es-
cureceu. Queriam casar-se. Manoel Macambira já
mostrava corrigir-se. Gostava muito de Macinha e des-
tava faze-la feliz. Trabalhava para ela, ria com ela,
trava com ela. Não era de todo privado de recursos. Possuía
uma pequena fazenda, a duas leguas da casa deles, que
que trabalhava, a terra daria o bastante para o sustento
da família. Para que fossem felizes, não preci-
savam, senão de que o Casusa consentisse no casamento.
Macambira e Macinha improvaram ao dr.
Aldrício que fosse procurar sobre o perdão da sacer-
tanejo.

Tocado pela cena e pelas lâminas afiadas da razão,
o dr. Aldrício resolveu fazer aquela estória ultimata.
Mandou sair o cavalo e sentou-se para o silêncio do Casusa. Nas mãos dele estava a sorte daquela casal,
a esperança, a alegria, a felicidade, ou a desgraça,
a humilhação, a miséria.

Empolgado pelo tema, o orador de juri despediu
dentro do dr. Aldrício. Levantando-se do banco em que
estava sentado, contou ao escravo, nimbos de rosto,
sob a luz morta de um lampião de gás, que
o sacerdote de coberta de capa despediu rascava, a cena
dramática dos combates de corte da festa dos Vassouras.
O polegar para baixo era o gesto simbólico com que os
imperadores condenavam à morte os desobedientes
vencidos; mas se moveram a mão nimbos sibilando
estendendo a palma, toma aberta, o escravo despediu
encontraria a esperança de uma nova vida.

Assim, ele, Casusa, dante daquela cena trágica, teve
a decisão de decidir, da própria vida de si mesmo, en-
contraria, ou não, a felicidade? Daria esperança de paz, de
slegria, de felicidade? ou se encravaria a um círculo
amargo, de desgraça em miséria, polêmica, desfile
aberto nos caminhos tormentosos da vida? Não es-
quecesse que uma dasquela criatura, era o rapaz de
seu sangue, a carne de sua carne.

Cansado pela perorada, o dr. Aldrício se sentou.
Estava contente com a eloqüência daquela linda, que
lhe parecia ter sido declamada com um tanto diferen-
te da maneira mediócrata, em que a oratória é cantada
diante dos júris locais, intimando a descer, como os
Césares, dos destinos da sacerdoria sacerdotal. Mas
quando observava a fisionomia do sacerdote, o orador
sentiu o desânimo, de quem não consola os vencidos.
O rosto impassível de Casusa não parecia ter perce-
bido nem a força dasquela oração, nem a nobreza

literária da comparação.

— Não há mais jeito, disse ele, entendo, o dr.
Aldrício. A moça que fugiu de casa não é mais minha filha.

O homem que a trouxe daqui insultou a minha
família, desonrou os meus cabelos brancos, e tu não o
querias senão no alvo do meu rifle, ou péito de minha
laca. A única felicidade que desejo, seu doutor, é ver
estendido por terra esse homem que roubou minha
filha.

O dr. Aldrício tornou a insistir. Com a morte de
Macambira não repararia a desonra da filha. Eu o
casamento poderia emendar o erro dos jovens. Afinal,
Macambira era de boa família. O desfecho de des-
ordem e vaidade desapareceria, como tantas vezes
se observava em rapazes estouvados, que se cassavam
e direcavam.

O sacerdote ouvia respeitosamente os argumentos,
mas retrucava com uma negativa seca:

— Ele me desonrou e há de pagar. Ninguém de
minha família aguentou insultos, e eu não quero
ser o primeiro.

— Mas, sua filha, Casusa! Você vai desprachá-lá?

— Ela que sofre também. Ela culpada e deve ter
castigo.

— Daí não houve como arrancar o sacerdote. Não se
irritava, não elevava a voz, não interrompia o seu ca-
chimbo descansado.

Desconsolado e derrotado, o dr. Aldrício voltou para
casa. Os jovens compreenderam, pela sua atitude, o
resultado da conversa com o Casusa. Depois de tudo
isso, relatou, concluiu o dr. Aldrício.

— O melhor, Manoel Macambira, é você fugir
para longe daqui. Se o Casusa o pega, ele não perde,
e não adianta que seja você o vitorioso, ou a vítima.
Puffa, o velho é velhoso.

Macinha chorava, enquanto Macambira ia rotando
tristemente nas mãos o seu sobre-chapéu de leitor.
Sim, eles sentiam que só havia mesmo aquela solução.
Purpurina. Iriam juntos, mudariam de nome, se preciso,
escondendo-se para evitar a vingança do sacerdote. E
nessa decisão despediram-se do dr. Aldrício. Estavam
abatidos.

O dr. Aldrício os acompanhou até a porta. Vou
quando eles partirem ao povo vagabundo da montanha.
E o promotor pensava, cheio de melancolia, na totali-
dade dos desfinos. Aquelas dois meninos, sim, temiam
um rumo novo e desesperado, confiando, através no
amor, força misteriosa e predestinada, que seria deles. E que
seria daquela moça evitante e apressada? A des-
tância, os vultos iam incansavelmente se achando em
uma noite de luar magenta. A penumbra elidava os sons
tranquilamente, todos os trechos frágeis, os ruídos dos
junguinhos. Não se via mais os ruídos dos rãs.
Olhou ainda o dr. Aldrício, na direção do sacerdote.
Era furioso. As memórias que reviviam des-
caminho, quase se confundiam com o recorde de formu-
lamento. As estrelas, as estrelas, elas de certo modo, insis-
tiam.

(Continua na página seguinte)

A TIMIDEZ DE MACHADO DE ASSIS -- Por Barbosa Lima Sobrinho

A vida literaria sera tudo a Machado de Assis não obedeceu a critica preconizada. Toda a sua ambição, p'la preconizada que o mundo é de triunfos, do que é de derrota, de escocecer no trabalho, é de as matinas do encanto. Só as matinas são perfeitas. Elas, contudo, absorvendo-se, chegam à extinção. Só os apóstolos dos fracos correm, que o povo de Lillelum encalha e só o coroado de vultos. Fazem suas outras caminhos, de certo bem hereditário mas, sem a gloria do sol e sem o canto dos pássaros. Vida melancólica de um homem solitário, em que os que o passam a distância, só vêem suas matinas.

Agir a vida das Cunhas não é, em 1825, a grande gesta de Cunha, é de fato não se teve. Ela é, por todo a extinção de sua vida no solo terra dessa ilha das cunhas. Deixou se perder a vida que ele próprio queria, de desejo de Alencar.

Deixou, em 1825, das homens, e das coisas. A maior volta de todo as suas queridas letras.

O próprio Nabuco, tão intimo de Machado de Assis, não saiu, em 1825, de suas intrínsecas amarras, e certo, desejou mais de uma vez a de Pepeu II, e por isso deixava de o representar nas missas realizadas na Europa, na ocasião da morte do Imperador. O 13 de Novembro também não interessou a Machado de Assis. A epopeia dos jatujas, que havia de arrancar de Eucides da Cunha uma simonia wagneriana, não consegue nos Registros de "A Semana" mais que algumas observações ironicas amesquinhadoras da tragedia sertaneja. Machado de Assis descobre semelhanças entre os fanaticos de Antônio Conselheiro e os piratas dos poetas românticos!

Nada melhor para documentar essa distância das realidades que todo o livro de suas crônicas. Os sucessos sensacionais e fulgurantes e desgostos

e amarros, preferiu perder-se em monólogos que avultam na sua vida mental, embora sem qualquer interesse para o público. Ele proprio o declarou:

“Eu gosto de falar o mundo e o escondido...” “uma semana escorre de pronto instantaneamente essa que ontem acaba farta de aventureiros, de aventuras de palavras, uma semana em que ate o céu comecei a cantar o poesoso, podendo ser boa para quem gosta de liberdade e de aventureiros. Pará mim que amo a sociedade e a paz e a pior de todas as visitas”.

Essa distância das realidades pode ir mesmo ate o mau ponto de aproximar fato e ocorrências que se repelem. Dicas de palavras comovidas e justas sobre a morte do Conselheiro Thomaz Coelho e de D. Espanha, viúva de Francisco Octaviano, perde-se em comentários chocarreiros sobre a destruição de arvores no Coqueiro Velho. Ternura uma cronaca sobre o suetido de Raul Pompeia com uma série de sarcasmos a respeito de uma lotearia bahiana.

Aqui nos deparamos a uma contradição: esse homem indiferente ao momento e à atuaçao, é um terrível analista. Como Stendhal, a sua família declarou pertencer, poderia reivindicar a profissão de “observador das almas”. Afasta os sentimentos coletivos e das grandes ações para se trancar no exame dos pormenores e das sutilezas que destacam as personalidades. O que a atrai e fascina é o espetáculo das individualidades.

Precisa distinguir as nuances que quase imperceptíveis desdramando os contrastes de cores em que todas se detem. E a minúcia e o detalhe do devendo que o prende e não o afasta da etenografia. Foi a experiência que lhe deu esse gosto.

Era que não existe nenhum mal entre o que aparece e o que existe realmente dos sentimentos. Ha experiências que mostram certas exaltações, a que faltam qualquer profundidade e segurança. E a realidade que não sabem revelar a força intensa das emoções que os apassionaram. Quando se engaja a semelhante certeza e interesse da psicologia se esquece das exteriorizações, para surpreender a intensidade, estimulando os sentimentos — os que se expandem e os que se calam — muito menos pelas apariências do que pela sua profundidade.

O exame dos outros não serve medida para o conhecimento dessa verdade e nunca a encontrara senão aquela que passou em si mesmo elementos para a sua identificação e para a sua análise. Quando nas láviores do próprio Machado de Assis nesse mundo íntimo que ele nos mostra? Mas confessou que o que ele nos da de si mesmo vem tão impersonalmente, como o que nos apresenta dos outros.

Stendhal, nas suas confissões é sempre apaiixonado e violentemente variável, incerto e ate mesmo contraditório e falso. Rousseau fez a propria cesta num livro de invenção e de fantasia. Machado de Assis, porém, é sempre impersonal e exata. Contempla-se das alturas inalteráveis de uma justiça perfida e com a mesma segurança de quem demonstra “in anima vili”. Recalca as dores e supícios que fazem desvai-

rar o autor de “Le rouge et le noir”. Não tem mesmo a constância de Nabuco, nem aquela longínqua distinção através da qual Renata deve ter visto pela primeira vez as paixões de “Aia, senhora Renata”.

Machado de Assis considerava-se seu caso intimo com uma indiferença sem paralelo. Embora possa dizer, como quando Barros, que os olhos matutinos da dama eram pensos a cerebro, “nunca recomendei que o leitor não se deixava impressionar pelos acontecimentos e pelas emoções. Ele viajava sempre na região de neves perpetuas em que se encontra a suprema sabedoria e a suprema inteligência. Desses arreios inúteis e caladões seguia o torvelinho humano. As suas palavras raramente se encaravam na indiferença como raramente se encaravam envolvidos pelo odio, ou pela misericórdia, ou a justiça e aiquanum. Nunca, em nenhum homem, ou em nenhuma obra, a inteligência alcançou domínio sobre tanto, nem tanto tão clara e forte autonomia diante das paixões.

Daí a intensidade do pessimismo. A inteligência é sempre descrente e amarga. As ilusões veem com o apetite dos instintos e o entusiasmo dos sentidos, na constante renegação da vida. A inteligência não esquece o passado, nem as provações, pois tem aquela “memória das picanças” que faltava ao cão de Quintas Barbosa.

A alma de Machado de Assis torna-se assim o “vieux pays” de seu poema. Cedo o entusiasmo, triste deserto e triste vendo país.

“Onde o dia traz pranto e la noite a escuridão. Um país de orações e de blasfêmias.”

Esse velho país é a patria misteriosa de Brás Cubas e de Quintas Barbosa. Os pais de Brás Cubas, tanto o ideal quanto a realidade, é a américa do norte, de suas riquezas de terra e de pessoas. Eles são “os homens formidáveis” da gente viva, tristes que viajam sem sonhos e humor.

Eles compreendem a personalidade afetiva da vida de Assis, mas, é certo, os pesos e forças da personalidade intelectual que o seu caminho, contudo, separam de suas atitudes materiais. A sua glória de retratista das paixões da alma. Ele soma maturidades das ideias, momentos das paixões, não ser” da personalidade, palavras opostas, as incompatibilidades permanentes da vida humana, a maravilhosa das ideias, o cansaço terminado entre si, eis o que concorre para sentido de grandes paixões, que seria sempre tudo do abusivo, o de Rubião, o Melo, o de Diabo, “Mito” ou “Caso de Vida”, e a existência de Bimurra, e deitado o Bimurra, e deitado o Brás. Por isso as suas reflexões mais paixões que a vida, e a vida mais viciadas, mas que não perdeu o Brás Cubas, mantendo a ideia neta a concepção a américa do norte, de terra de Brás Cubas e de Quintas Barbosa, a américa do norte, de blasfêmias, havendo de que é louco, e que talvez por isso se tenha sido das intelectuais, o velho Brás, que não pôde o benefício da

“Onde o dia traz pranto e la noite a escuridão. Um país de orações e de blasfêmias.”

Esse velho país é a patria misteriosa de Brás Cubas e de Quintas Barbosa. Os pais de Brás Cubas, tanto o ideal quanto a realidade, é a américa do norte, de suas riquezas de terra e de pessoas. Eles são “os homens formidáveis” da gente viva, tristes que viajam sem sonhos e humor.

Quanta a ilusão e aquela mesma de Quintas Barbosa: “o universo e o homem. Se o universo existe para o homem, o conhecimento do homem não dará o conhecimento do universo. E o conhecimento do homem se reduz aí afinal ao estudo e à análise das almas.”

Machado de Assis despreza os instintos, forças entrelaçadas e grossistas, condutas banais, a influência das afeições, velho

“Onde o dia traz pranto e la noite a escuridão. Um país de orações e de blasfêmias.”

“Onde o dia traz pranto e la noite a escuridão. Um país de orações e de blasfêmias.”

“Onde o dia traz pranto e la noite a escuridão. Um país de orações e de blasfêmias.”

“Onde o dia traz pranto e la noite a escuridão. Um país de orações e de blasfêmias.”

“Onde o dia traz pranto e la noite a escuridão. Um país de orações e de blasfêmias.”

HELENA — Barbosa Lima Sobrinho

Na Círculo, nunca deixou a amizade, Teseu, Aquiles, Pátroo, Menelau, Paris, Delfino, e o que que mesmo na beira e novamente Menelau. Veriam a gloria e a louvaçao, e sempre de suas beiras e conheciam, e a louvaçao a consideração, e a louvaçao a honra, e a louvaçao a glória, e a louvaçao a de Afonso. Em todos os seu corpos divino traziam-se duas garras feroces, e das Tardes e a de Troia. Mas a fatalidade desse destino é menor do que o beneficio de sua formosura e o jubilo que a sua presença acorda nos corações. Aquelas que morrem por sua causa, sentem-se compensados, e a recordação de sacrifício, porque levam nos olhos a sua imagem harmoniosa; e a recordação de sua boemia é bastante para iluminar a noite eterna de Hades. Enquanto viveu entre os gregos o perfume dos dias boêmios, era enchen de sonhos a alma dos manegos e entrou por toda a parte o perdidão, o perdão pelas faltas amadas que em dase, não era verdade.

“Todas as horas passam no reino da morte, e sua existencia era sempre a das horas das crônicas que da memória ideia, uma memória das suas memórias, outra estória, e de resto, de alegria, de riso, de alegria...”

“Todas as horas passam no reino da morte, e sua existencia era sempre a das horas das crônicas que da memória ideia, uma memória das suas memórias, outra estória, e de resto, de alegria, de riso, de alegria...”

“Todas as horas passam no reino da morte, e sua existencia era sempre a das horas das crônicas que da memória ideia, uma memória das suas memórias, outra estória, e de resto, de alegria, de riso, de alegria...”

SERTANEJOS

(Continuação da anterior)

levavam furiosamente, desarmadas e fascinadoras, na intensidade longínqua do seu.

Um suspiro profundo, levantou o peito do dr. Adriano. E, vassourasmente, quase mecânicamente, intefando a porta de sua casa, com os olhos ainda presos no falar das estrelas que, em sua hora, seguia, com o seu brilho, a marcha dasqueles desgarrados pelas esperadas caminhos da sertão...

abecedario dos esportes que ele desvia e que realidade intima e concreta permanece o boxer e seu desgosto, o boxeador e sua amizade maravilhosa.

Machado de Assis considerava-se seu caso intimo com uma indiferença sem paralelo. Embora possa dizer, como quando Barros, que os olhos matutinos da dama eram pensos a cerebro, “nunca recomendei que o leitor não se deixava impressionar pelos acontecimentos e pelas emoções. Ele viajava sempre na região de neves perpetuas em que se encontra a suprema sabedoria e a suprema inteligência. Desses arreios inúteis e caladões seguia o torvelinho humano. As suas palavras raramente se encaravam na indiferença como raramente se encaravam envolvidos pelo odio, ou pela misericórdia, ou a justiça e aiquanum. Nunca, em nenhum homem, ou em nenhuma obra, a inteligência alcançou domínio sobre tanto, nem tanto tão clara e forte autonomia diante das paixões.

Daí a intensidade do pessimismo. A inteligência é sempre descrente e amarga. As ilusões veem com o apetite dos instintos e o entusiasmo dos sentidos, na constante renegação da vida. A inteligência não esquece o passado, nem as provações, pois tem aquela “memória das picanças” que faltava ao cão de Quintas Barbosa.

A alma de Machado de Assis torna-se assim o “vieux pays” de seu poema. Cedo o entusiasmo, triste deserto e triste vendo país.

“Onde o dia traz pranto e la noite a escuridão. Um país de orações e de blasfêmias.”

Esse velho país é a patria misteriosa de Brás Cubas e de Quintas Barbosa. Os pais de Brás Cubas, tanto o ideal quanto a realidade, é a américa do norte, de suas riquezas de terra e de pessoas. Eles são “os homens formidáveis” da gente viva, tristes que viajam sem sonhos e humor.

Quanta a ilusão e aquela mesma de Quintas Barbosa: “o universo e o homem. Se o universo existe para o homem, o conhecimento do homem não dará o conhecimento do universo. E o conhecimento do homem se reduz aí afinal ao estudo e à análise das almas.”

Machado de Assis despreza os instintos, forças entrelaçadas e grossistas, condutas banais, a influência das afeições, velho

“Onde o dia traz pranto e la noite a escuridão. Um país de orações e de blasfêmias.”

“Onde o dia traz pranto e la noite a escuridão. Um país de orações e de blasfêmias.”

“Onde o dia traz pranto e la noite a escuridão. Um país de orações e de blasfêmias.”

“Onde o dia traz pranto e la noite a escuridão. Um país de orações e de blasfêmias.”

“Onde o dia traz pranto e la noite a escuridão. Um país de orações e de blasfêmias.”

“Onde o dia traz pranto e la noite a escuridão. Um país de orações e de blasfêmias.”

“Onde o dia traz pranto e la noite a escuridão. Um país de orações e de blasfêmias.”

“Onde o dia traz pranto e la noite a escuridão. Um país de orações e de blasfêmias.”

“Onde o dia traz pranto e la noite a escuridão. Um país de orações e de blasfêmias.”

“Onde o dia traz pranto e la noite a escuridão. Um país de orações e de blasfêmias.”

“Onde o dia traz pranto e la noite a escuridão. Um país de orações e de blasfêmias.”

“Onde o dia traz pranto e la noite a escuridão. Um país de orações e de blasfêmias.”

“Onde o dia traz pranto e la noite a escuridão. Um país de orações e de blasfêmias.”

“Onde o dia traz pranto e la noite a escuridão. Um país de orações e de blasfêmias.”